

Frei Betto: referência de ética e espiritualidade política

Leonardo Boff*

Uma característica notável na personalidade de Frei Betto é a generosidade. Em qualquer questão que se levante ele é geralmente o primeiro a se apontar para opinar, fazer sugestões e assumir compromissos. Creio que esta generosidade, vinda de sua natureza e da graça divina, o levou a empenhar-se na luta contra a ditadura militar, especialmente, para salvar militantes ameaçados de morte.

Era ainda jovem estudante de teologia na Escola Dominicana das Perdizes em São Paulo. Solicitou transferência para o Centro de Estudos Teológicos dos Jesuítas no Rio Grande do Sul para de lá poder acolher e encaminhar perseguidos para a fronteira com o Uruguai. Pôs sua vida em risco. Sempre foi prudente mas nunca tolhido pelo medo. Conscientemente sabia que servia a uma causa maior em razão da qual vale arriscar a própria vida. Ajudou e salvou a muita gente.

Foi preso. Sofreu as humilhações de todas as vítimas dos órgãos de repressão do Estado de terror que se instalara no Brasil. Conheceu vários lugares de prisão. Aí onde com outros cumpria a pena, criava imediatamente um grupo de estudo, de discussão e de oração.

Como personalidade é um homem de síntese, sabe reunir pessoas, somar saberes, articular visões de mundo. Quantos não se aproximaram do caminho cristão, sem com isso se inscreverem numa confissão religiosa, por causa da articulação feliz e bem fundada que fazia entre fé cristã e libertação, entre denúncia profética e revolução.

É dele a frase que corre na boca de muitos militantes: “somos herdeiros de um prisioneiro político, que foi perseguido, caluniado, torturado e executado na cruz: Jesus de Nazaré”. Jesus morreu não porque todos morrem, mas morreu em consequência de uma prática e de um sonho que ele chamava de Reino de Deus, cujos conteúdos são amor, justiça, solidariedade, compaixão, abertura ilimitada ao outro e ao Grande Outro que é Deus.

* Professor emérito de ética, teólogo e escritor.

Livre da prisão, foi morar numa favela em Vitória-E.S., onde unia meditação e trabalho nos meios populares e com os mais pobres. Foi lá que o encontrei. Fundamental foi sua colaboração no livro que ajudou a desmascarar o regime militar, “Brasil Nunca Mais”, sob a orientação do Card. Dom Paulo Evaristo Arns e o pastor Whright. Esteve nos inícios dos encontros nacionais das comunidades eclesiais de base junto com o bispo Dom Luís Fernandes que a cada três anos se encontram com milhares de representantes de todo o país. Inspirou com outros a criação do Movimento Fé e Política que anima militantes leigos, políticos ou não, a fazerem da fé uma fonte de inspiração ética e de políticas humanitárias e da política um instrumento eficaz para realizar os bens do Reino que se traduzem em justiça social a partir das vítimas, libertação dos oprimidos e cuidado para com a natureza.

Talvez seu mérito maior – entre tantas outras coisas que não cabe aqui citar – foi ter aceitado participar do primeiro Governo Lula dando origem ao Programa Fome Zero e as derivações posteriores em Bolsa Família, sem descurar a formação educacional e profissional dos beneficiados para que entendessem as mudanças que estavam ocorrendo e se pudessem habilitar para ganhar autonomamente sua própria vida. Participou num espírito explicitamente evangélico e não político-governamental: multiplicar pão e peixes para os famintos como fez Jesus de Nazaré.

Hoje Frei Betto é uma referência nacional por sua ética, sua espiritualidade política, por seus inúmeros escritos alguns dos quais se constituem em verdadeiras antologias. Ele talvez seja um dos que melhor escreve nesse nosso país. Num país conturbado por inúmeras crises, mas cheio de vitalidade, ele comparece como uma fonte de inspiração para outro tipo de Brasil e de mundo onde valha a pena viver e gozar minimamente de uma discreta felicidade possível aos filhos e filhas da Mãe Terra.